



O PRONOME RETO COMO ACUSATIVO NA FALA E TAMBÉM NA ESCRITA: UM ESTUDO DE CASO EM JATAIZINHO E IBIPORÃ – PR

Ismael Ribeiro da Silva (PG-UEL)¹
ismaegramatica@uol.com.br

Josué Marques Ferreira (PG-UEL)²
jhosuemferreira@hotmail.com

RESUMO: Este artigo tem o objetivo de apresentar um breve estudo a respeito do fenômeno do pronome pessoal do caso reto (função sintática de sujeito) como acusativo (exercendo a função sintática de objeto direto) no português escrito e/ou falado na cidade de Ibiporã – Estado do Paraná; a comunidade linguística por meio da qual se realizou este trabalho consiste em um grupo de alunos da Educação Básica – Ensino Fundamental (9º ano) e do Ensino Médio (1º e 2º anos). Também pretende verificar a realização do pronome pessoal do caso reto (função sintática de sujeito) como acusativo (exercendo a função sintática de objeto direto) na fala de informantes que já haviam concluído o Ensino Médio, em Jataizinho – Estado do Paraná. Para que tal pesquisa pudesse se realizar, partiu-se de fundamentos teóricos da Sociolinguística, com base em estudiosos como Alkmim, Benvenutti, Bortoni-Ricardo, Mattoso Câmara Jr. e outros teóricos dos estudos linguísticos. Os resultados obtidos demonstraram que fatores extralinguísticos, tal como o nível de escolaridade, a faixa etária e o sexo do informante exercem influência na realização desse fenômeno linguístico, observando que, apesar de o clítico acusativo ter praticamente desaparecido na oralidade, ainda ocorre no texto escrito, tanto entre os estudantes do Ensino Fundamental quanto entre os alunos do Ensino Médio.

PALAVRAS-CHAVE: Pronome Reto e Oblíquo; Clítico Acusativo; Sociolinguística.

ABSTRACT: This article aims to present a brief study about the phenomenon of the personal pronoun of the subject case (syntactic function of subject) as accusative (exercising the syntactic function of direct object) in written and / or spoken Portuguese in the city of Ibiporã - State of Parana; the linguistic community through which this work was carried out consists of a group of students from Basic Education - Elementary Education (9th grade) and High School (1st and 2nd grades). It also intends to verify the realization of the personal pronoun of the subject case (syntactic function of subject) as accusative (exercising the syntactic function of direct object) in the speech of informants who had already completed high school, in Jataizinho - State of Parana. So that such research could be carried out, it was based on theoretical foundations of Sociolinguistics, based on scholars such as Alkmim, Benvenutti, Bortoni-Ricardo, Mattoso Câmara Jr. and other theorists of linguistic studies. The results obtained demonstrated that extralinguistic factors, such as the level of education, the age group and the gender of the informant, influence the accomplishment of this linguistic phenomenon, noting that, although the accusative clitic has practically disappeared in the oral language, it still occurs in the written text, both among elementary school students and high school students.

¹ Licenciado em Letras Anglo-Portuguesas – UENP (2001). Especialista em Literatura e Estudos da Linguagem – UENP (2003). Especialista em Língua Inglesa – UNOPAR (2005). Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Londrina - PR.

² Licenciado em letras Vernáculas; Universidade Estadual de Londrina - PR; Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Londrina - PR.



KEYWORDS: Subject and Object Pronoun; Accusative Clitic; Sociolinguistics.

1 – Introdução

Uma vez que a variação é característica intrínseca da linguagem, é notório o seu caráter dinâmico, vivo e sujeito a transformações e ressignificações. A qualquer momento, quando se combinam elementos para formar palavras, frases ou textos, ocorre uma série de modificações, determinadas por fatores fonéticos, morfológicos, sintáticos e semânticos.

2 - Os estudos linguísticos: pressupostos teóricos

A linguagem é parte constitutiva e constituinte do ser humano, sendo que decorre da necessidade de interação e da vida em sociedade do homem com o(s) outro(s). A língua apresenta caráter heterogêneo, não como um sistema dotado de regras fixas, imutáveis e categóricas, mas, ao contrário, considerando sua natureza, é dinâmica e flexível. Dessa forma, está sujeita a variações linguísticas (fatores inerentes ao sistema linguístico) e extralinguísticas - (advindas da comunidade de fala na qual os falantes estão inseridos, como a faixa etária, o gênero e o nível de escolaridade).

Parafraseando Mollica (2015), a Sociolinguística é uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Procurando entender as relações existentes entre linguagem e sociedade, ela se volta para a busca dos fatores geradores da diversidade e da variação linguística, existentes na fala de uma comunidade, ou seja, para o uso da língua na comunidade de fala. Nessa perspectiva, a língua está sujeita a variações, diferentemente da concepção de falante ideal e de uma comunidade linguística homogênea. Isto é, seu objeto de estudo é a língua falada, em um contexto social, em uma situação real de uso.

Nesse sentido, Alkmim afirma:

Para a Sociolinguística, a natureza variável da língua é um pressuposto fundamental, que orienta e sustenta a observação, a descrição e a interpretação do comportamento linguístico. As diferenças linguísticas, observáveis nas comunidades em geral, são vistas como um dado inerente ao fenômeno linguístico. (ALKMIM, 2012, p. 44).

A Sociolinguística estuda os padrões de comportamento linguístico num determinado grupo de falantes e entende a variação como um fenômeno normal do sistema da língua, o que está em concordância com a sociedade atual, marcada pela complexidade, heterogeneidade e propensa a mutações. Bortoni-Ricardo declara:

O comportamento linguístico é um indicador claro da estratificação social. Os grupos sociais são diferenciados pelo uso da língua. Em sociedades com histórica distribuição desigual de renda (entre as quais o Brasil pode ser considerado paradigmático), as diferenças são acentuadas e tendem a se perpetuar. Pode-se afirmar que a distribuição injusta de bens culturais, principalmente das formas valorizadas de falar, é paralela à distribuição iníqua de bens materiais e de oportunidades. (BORTONI-RICARDO; 2005, p. 14).

3 - Pronome reto e oblíquo: conceitos e reflexões

O conceito de pronome reto e oblíquo tem sido praticamente uniforme entre os estudiosos. Para Almeida, pronome é a palavra que substitui ou pode substituir um substantivo. “Pronomes pessoais retos são os que têm por função representar o sujeito do verbo. (...) Pronomes pessoais oblíquos são os que têm por função representar o complemento do verbo”. (ALMEIDA; 2000, p. 135).

De acordo com Cipro Neto, os pronomes pessoais que exercem a função de sujeito são os do caso reto. “(...) Se o pronome funciona como complemento verbal, é pronome pessoal do caso oblíquo”. (CIPRO NETO; 2011, p. 9).

No conceito apresentado por esses autores, o pronome reto não deveria ser utilizado como acusativo: “Vi *ele* na rua”; nem o pronome oblíquo deveria ser realizado

como nominativo: “Empreste o livro para *mim* ler”. No entanto, é preciso considerar que os falantes estão sujeitos a leis internas da língua (nem sempre explicáveis) que os levam (ou levam eles) às adequações de acordo com o contexto linguístico-comunicativo.

É notório que a realização do pronome reto como acusativo não é novidade alguma. Já na primeira metade do século XX, Monteiro Lobato registrou o fenômeno:

A moda de Dona Benta ler era boa. Lia “diferente” dos livros. Como quase todos os livros para crianças que há no Brasil são muito sem graça, cheios de termos do tempo do onça ou só usados em Portugal, a boa velha lia traduzindo aquele português de defunto em língua do Brasil de hoje. Onde estava, por exemplo, “lume”, lia “fogo”; onde estava “lareira”, lia “varanda”. E sempre que dava com um “botou-o” ou “comeu-o”, lia “botou ele”, “comeu ele” – e ficava o dobro mais interessante. (REINAÇÕES DE NARIZINHO; s/d, p. 194).

É interessante observar a versatilidade do criador da boneca Emília, uma vez que, em outros livros, Lobato escreve de maneira a “ressuscitar o português de defunto”:

– Chega de adjetivos – gritou a menina. – Eu não sei porque (sic), tenho grande simpatia pelos Pronomes, e queria visitá-*los* já. (EMÍLIA NO PAÍS DA GRAMÁTICA; 1982, p. 22).

Querem *nos* governar, querem *nos* obrigar a fazer exatinho o que eles fazem. (...) O visconde suspirou. Sempre que Emília se lembrava de viajar com a canastra, era ele o encarregado de tudo: de carregá-*la* às costas, de vigiá-*la*. E, se desaparecia qualquer coisa, lá vinha ela com a terrível ameaça de depená-*lo*. (OS DOZE TRABALHOS DE HÉRCULES; 1973, pp. 09 e 10).

Porém, em se tratando de reproduzir a fala de Tia Nastácia, Monteiro Lobato usa o pronome pessoal do caso reto em lugar do pronome do caso oblíquo, talvez querendo transmitir a ideia de que tal fenômeno é característico das pessoas não escolarizadas:

– Esta Emília diz tanta asneira que é quase impossível conversar com ela. Chega a atrapalhar a gente. – É porque é de pano, sinhá – explicou a preta – e dum paninho muito ordinário. Se eu imaginasse que ela ia aprender a falar, eu tinha feito *ela* de seda, ou pelo menos dum retalho

daquele seu vestido de ir à missa. (REINAÇÕES DE NARIZINHO; s/d, p. 33).

O próprio Lobato satirizava o apego desenfreado às regras gramaticais, na figura do professor Aldrovando Cantagalo. Celibatário convicto, passou a vida “coçando sarnas filológicas”. Nasceu em virtude de um pronome mal empregado (*amo-lhe* em vez de *amo-te*), episódio que levou seu pai ao casamento com a filha mais velha do Coronel Triburtino, homem severo que se aproveitou do deslize gramatical de um escrevente para “desencalhar” a filha, por nome *do Carmo*. O professor Aldrovando morreu também por causa de um erro gramatical. Desta feita, erro de colocação pronominal. Ao descobrir que todos os exemplares traziam impressa a frase “*À memória daquele que sabe-me as dores*”, o mestre ergueu os olhos para Frei Luís de Souza e murmurou:

Luís! Luís! Lamma Sabachtani! (sic) E morreu. De que não sabemos – nem importa ao caso. O que importa é proclamarmos aos quatro ventos que com Aldrovando morreu o primeiro santo da gramática, o mártir número 1 da Colocação dos Pronomes. Paz à sua alma. (O COLOCADOR DE PRONOMES; 2009, p.124).

Que fique registrado o conhecimento enciclopédico de Lobato, ao estabelecer clara e inteligente intertextualidade com o texto bíblico, que relata os últimos momentos da vida de Jesus, quando o Mestre levanta os olhos aos céus e brada:

Eli, Eli, lama sabactâni (sic)³, isto é, Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? E, alguns dos que ali estavam, ouvindo isto, diziam: Este chama por Elias. (SÃO MATEUS; 27: 46-47).

4- O estado da arte

A realização do pronome reto na função de complemento verbal tem sido estudada por diversos autores, como se pode observar em Câmara Jr. (1972), que escreveu um ensaio intitulado “*Êle como um acusativo no português do Brasil*”. O autor analisa o tema afirmando que “um dos traços mais característicos do português do

³ Existe divergência de grafia entre o texto de Lobato e o texto bíblico.



Brasil é o uso de *ele* (e suas variantes de feminino e plural) como um acusativo; ex.: vejo *ele*, em lugar de vejo-o”.

Segundo Câmara Jr., o ensino escolar condena tal fenômeno, já que *ele* (do latim *ille*) é um caso-sujeito em relação às formas átonas do caso-regime *o* (e suas variantes de feminino e plural) para o acusativo e *lhe* (e sua variante de plural) para o dativo. De acordo com o texto, trata-se de um traço geral típico do português oral de todos os níveis sociais no Brasil, sendo evitado, portanto, somente em situações muito restritas. Outro estudioso do assunto é o professor Flávio Brandão Silva (2008), que publicou um artigo sobre a realização variável do objeto direto anafórico em narrativas orais e em narrativas escritas do português do Brasil. O autor desenvolveu - a partir da perspectiva da Teoria da Variação e Mudança Linguística - um estudo acerca da realização variável do objeto direto anafórico, por meio das variantes *pronomes clíticos*, *pronomes lexicais*, *sintagma nominal e objeto direto nulo*, em narrativas orais e escritas produzidas por alunos com diferentes níveis de escolaridade.

Silva afirma que alguns estudiosos da linguagem já desenvolveram trabalhos com essa temática, dos quais destaca Duarte (1989), que investigou a realização do objeto direto anafórico, entre paulistanos, a partir de falas espontâneas e de textos orais veiculados na mídia televisual. Também cita Cyrino (1993), que observou, sob um prisma diacrônico, a realização variável desse mesmo tipo de objeto, por meio dos pronomes clíticos e do objeto nulo, no português brasileiro e no português europeu. Um trabalho que também analisa o pronome objeto no português europeu e no português brasileiro foi desenvolvido por Benvenuti (2002). A autora, ao defender sua dissertação de mestrado, investiga a realização do pronome clítico, do pronome nulo e do pronome lexical, levando em consideração os fatores condicionantes de cada caso.

Benvenuti afirma que os resultados comprovam que as realizações do pronome objeto diferem das regras estabelecidas pelas gramáticas normativas, de forma muito mais acentuada no português brasileiro, refletindo as mudanças em curso no sistema pronominal brasileiro e contribuindo na identificação de um novo sistema linguístico.

Uma pesquisa para dissertação de mestrado, desenvolvida por Dutra (2003), trabalha com o clítico acusativo na redação escolar. A autora, partindo de uma perspectiva variacionista, procurou verificar se informantes cursando a oitava série do Ensino Fundamental, o terceiro ano do Ensino Médio e o quarto semestre de Licenciatura em Letras usam o clítico acusativo como uma variante do objeto direto pressuposto, em seus textos narrativos e dissertativos.

Além disso, buscou determinar quais outras formas de objeto direto aparecem nesses textos, com quais formas o clítico acusativo rivaliza e que fatores condicionam a ocorrência dessas variantes. A autora procurou levar em consideração fatores como variável dependente; variáveis independentes linguísticas; tipo de verbo; traço semântico do objeto; função sintática do referente; colocação do clítico em relação ao verbo; variável independente discursiva: tipo de texto; e variável independente extralinguística: escolaridade.

5 - A comunidade linguística investigada

A comunidade linguística que forneceu o *corpus* para esta pesquisa (na escrita) consiste em um grupo de 48 alunos da cidade de Ibiporã – PR. São estudantes da Educação Básica (9º ano do Ensino Fundamental e 1º e 2º anos do Ensino Médio). A idade dos alunos varia entre 13 e 17 anos (9º ano do EF) e entre 15 e 32 anos (1º e 2º anos do EM). Os informantes que já concluíram o Ensino Médio, na maioria, são moradores da cidade de Jataizinho – PR. A faixa etária desse grupo é de 27 a 62 anos; nenhum deles continua os estudos, além do fato de que alguns terminaram o Ensino Médio (2º grau) há cinco – nove – dezessete – dezenove – vinte e cinco – trinta anos.

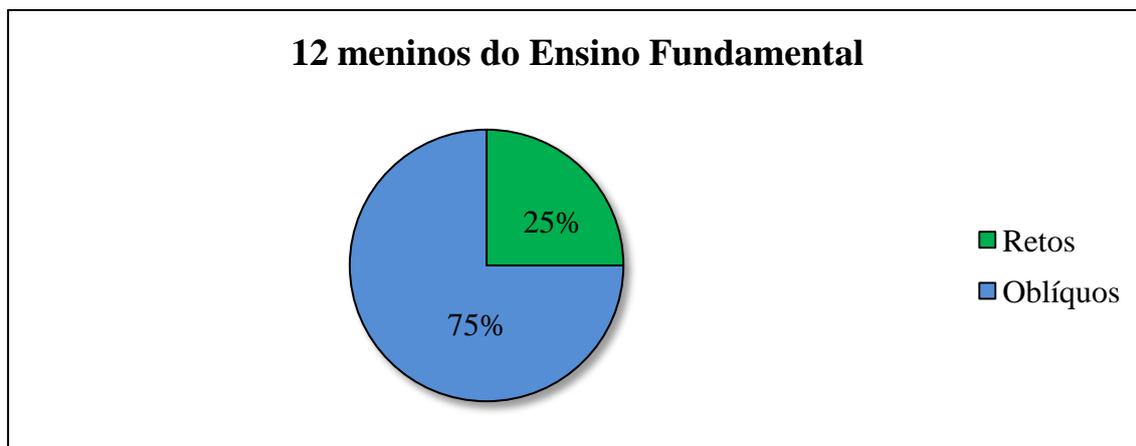
6 - Metodologia da pesquisa

Para verificar a realização do pronome reto como acusativo na escrita, dividimos os informantes por nível de escolarização, sendo 12 meninos do EF, 12 meninas do EF, 12 rapazes do EM e 12 moças do EM. Depois de passar um vídeo sobre a história de Jesus, pedimos aos alunos que produzissem um resumo escrito do filme apresentado. Para investigar o uso do pronome reto como acusativo na fala, também dividimos os informantes por nível de escolarização, sendo 4 meninos do EF, 4 meninas do EF, 4 rapazes do EM, 4 moças do EM, 4 homens e 4 mulheres que já terminaram o Ensino Médio. Este último segmento não forneceu material escrito, somente a gravação de um resumo da vida de Jesus. Gravaram entrevista 24 pessoas, entre 13 e 62 anos, desde o Ensino Fundamental até os que terminaram o Ensino Médio.

7- Apresentação dos resultados

a) O pronome reto como acusativo na escrita dos meninos do Ensino Fundamental

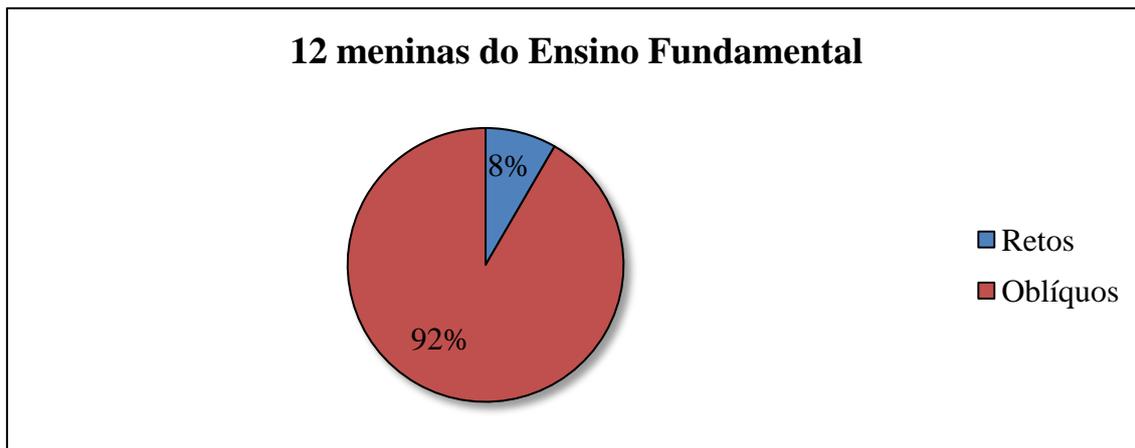
No grupo dos doze meninos do Ensino Fundamental, apenas três alunos apresentaram a realização do pronome reto como acusativo.



Fonte: os próprios autores

b) O pronome reto como acusativo na escrita das meninas do Ensino Fundamental

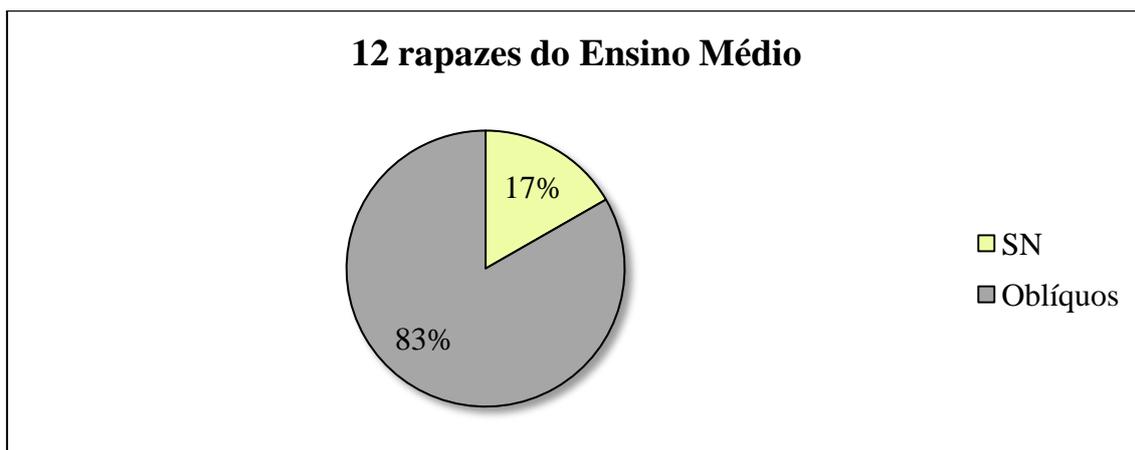
No grupo das doze meninas do Ensino Fundamental, apenas uma aluna apresentou a realização do pronome reto como acusativo.



Fonte: os próprios autores

c) O pronome reto como acusativo na escrita dos rapazes do Ensino Médio

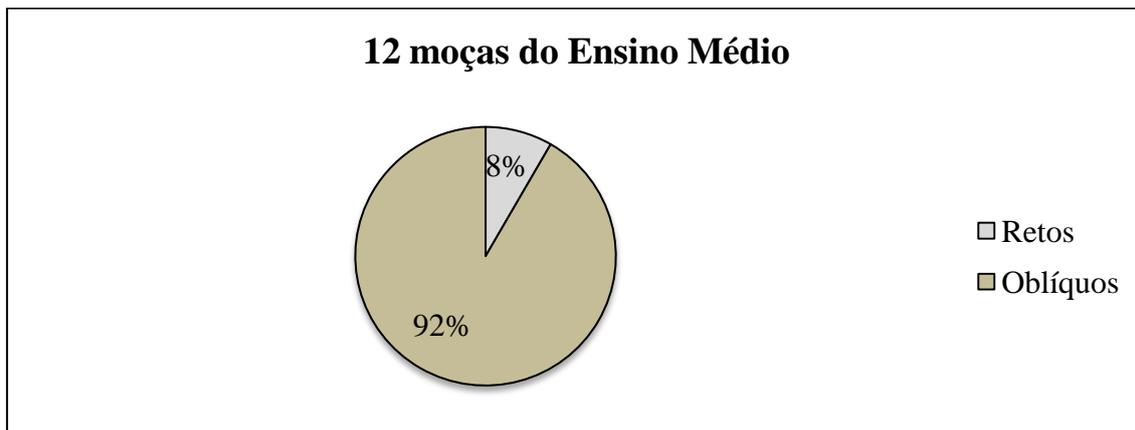
Entre os doze rapazes do Ensino Médio, houve apenas duas ocorrências da realização do objeto direto na forma de sintagma nominal.



Fonte: os próprios autores

d) O pronome reto como acusativo na escrita das moças do Ensino Médio

Entre as doze moças do Ensino Médio, houve apenas uma ocorrência da realização do pronome reto como acusativo.



Fonte: os próprios autores

Considerações finais

A verificação dos resultados permite concluir que, embora o clítico acusativo tenha praticamente desaparecido na oralidade, ainda se realiza na escrita, tanto entre os alunos do Ensino Fundamental quanto entre os alunos do Ensino Médio. A porcentagem da realização do pronome reto como acusativo na escrita não apresenta muita diferença entre os meninos e as meninas do Ensino Fundamental. No Ensino Médio, a realização do clítico acusativo na escrita é maior entre as moças do que no *corpus* fornecido pelos rapazes.

Em se tratando da verificação da fala, a realização do pronome reto como acusativo é maior entre as meninas do Ensino Fundamental do que entre os meninos do Ensino Fundamental. Entre os rapazes do Ensino Médio, a realização do pronome reto em função acusativa é maior em comparação com as moças do mesmo nível.

No grupo das pessoas que concluíram o Ensino Médio, as mulheres utilizam o pronome reto como acusativo em maior escala do que os homens. Esta pesquisa não



pretende apresentar uma definição exata de que maneira se realiza o pronome reto como acusativo na fala ou na escrita.

Trata-se de uma pesquisa que talvez possa oferecer subsídios para potenciais interessados, que sejam iniciantes no tema. Como todas as áreas do conhecimento humano, a linguagem é um campo de infinitas descobertas, haja vista a complexidade da língua nos aspectos que são estudados pela Sociolinguística, conforme já foi apresentado no início do trabalho.

Referências

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. In: **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, volume 1 / Fernanda Mussalim, Ana Christina Bentes (organizadoras) – 9ª ed. rev. São Paulo: Cortez, 2012.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática Latina: curso único e completo**. 29ª ed. São Paulo, Saraiva, 2000.

BENVENUTTI, Ana Maria Zys. **O pronome objeto no PE e PB: um estudo sincrônico**. 2002. Dissertação (Mestrado). UEL-PR, Londrina.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemu na escola, e agora? : Sociolinguística & educação**. São Paulo, Parábola Editorial, 2005.

CIPRO NETO, Pasquale. **Coleção Professor Pasquale Explica / [texto]**. – Barueri, SP: Gold Editora, 2011 - Coleção Professor Pasquale Explica.

CYRINO, Sônia Maria. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: Objeto Nulo e Clítico. In: ROBERTS, Ivan & KATO M. A. (orgs). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: UNICAMP, 1993.

DUARTE, Maria E. L. Clítico Acusativo, Pronome Lexical e Categoria Vazia no Português do Brasil. In. TARALLO, Fernando (org.). **Fotografias Sociolinguísticas**. Campinas, SP: Pontes: Editora da UNICAMP, 1989.

DUTRA, Liria Romero. **O clítico acusativo na redação escolar**. 2003. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

LOBATO, Monteiro. **Emília no país da gramática**. 24ª ed. São Paulo, Brasiliense, Fundação Nacional Pró-memória, 1982.

_____. O colocador de pronomes. In: **Negrinha**, LOBATO, Monteiro. 2ª ed. São Paulo, Globo, 2009.

_____. **Os doze trabalhos de Hércules**. 3ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1973.



_____. **Reinações de Narizinho**. São Paulo, Círculo do Livro, s/d.

MATTOSO CÂMARA, Joaquim. Êle como um acusativo no português do Brasil. In: **Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr.** Seleção e introdução por Carlos Eduardo Falcão Uchôa. 1ª ed. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1972.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4ª ed. São Paulo, Contexto, 2015.

ROSA, Eliane Kreutz; DAMKE, Ciro. Os caminhos da linguagem: uma revisão histórica. **Revista Línguas e Letras**. vol. 12, nº 22, 1º semestre de 2011, pp. 217-240.

SILVA, Flávio Brandão. **Estudos descritivos do português: história, uso e variação**. In: ANTONIO, Juliano Desiderato (Org). – São Carlos: Claraluz, 2008, pp. 79-98.

APÊNDICE

a) O pronome reto como acusativo na escrita dos meninos do Ensino Fundamental

No grupo dos doze meninos do EF, apenas três alunos apresentaram a realização do pronome reto como acusativo. Ex.: “E Jesus pediu a João Batista para batizar *ele*”. “...E quando Jesus encontrou *eles*”... “Um homem cego que também seguia *ele*”... “Maria tirou *ele* da cruz”... “Os magos levaram *ela* onde ficava um animal”... “E mandou os soldados pegarem *ele*”...

Apenas um aluno apresentou a realização do objeto direto na forma de sintagma nominal. Ex.: “Jesus nasceu em Belém da Judeia (...) João batizou *Jesus*”... Um grupo de oito alunos apresentou a realização do clítico acusativo na escrita. Ex.: “Com seus apóstolos que sempre *o* seguiam”... “Seus discípulos *o* ajudavam a pregar a palavra de Deus”... “Jesus morreu e pagou pelos nossos pecados para *nos* salvar”... “Maria teve de amamentar Jesus e limpá-*lo*, ensiná-*lo* a andar”... “Eles *o* seguiam”... “Resolveram ajudar um parálítico que *o* levaram para cima de um telhado; abriram o telhado e *o* desceram; daí Jesus *o* curou; Jesus curou muitas pessoas de várias doenças e também *os* curou espiritualmente”... “Deus *nos* criou, criou as árvores, a água, os animais etc.; Deu

sua própria vida para *nos* salvar; Mandou que seus soldados *o* matassem”... “Tem alguém aqui que vai *me* trair”... “Ele ouve-*nos* todos os dias que a gente pede pra ele; Jesus é o único que salva-*nos* do mal; Tudo posso naquele que *me* fortalece”... “Mandou seus guardas *o* capturarem; *o* levaram até o rei e *o* forçaram a fazer trabalhos; levaram-*no* até a cruz quase morto e *o* pregaram”...

b) O pronome reto como acusativo na escrita das meninas do Ensino Fundamental

No grupo das doze meninas do EF, apenas uma aluna apresentou a realização do pronome reto como acusativo. Ex.: “Decidiram matar *ele* na cruz; depois de três dias os profetas foram ver *ele* no túmulo”.

Três alunas apresentaram a realização do objeto direto na forma de sintagma nominal. Ex.: “Jesus estava morrendo (...) por causa de umas pessoas que odiavam *Jesus*”... “E Maria teve *Jesus*; então eles pregaram *Jesus* em uma cruz”... “Então começaram a seguir *Jesus*; então seguiram *Jesus* para uma região da Galileia, para Jesus curar uma senhora muito doente, então foi feito seu milagre, Jesus curou *a senhora*”...

Um grupo de oito alunas apresentou a realização do clítico acusativo na escrita. Ex.: “Para estarem sempre perto e ajudá-*lo* no trabalho; eram homens que aceitaram o desafio de segui-*lo*, escutá-*lo* e depois espalhar o evangelho”... “Ele pregava por todo lugar e tinha doze discípulos que *o* seguia, ele ajudava quem ia procurá-*lo*”... “Seu propósito de morrer para *nos* salvar estava feito”. “E quando sentiu fome foi o momento que o demônio aproveitou para *o* tentar; o povo daquela época *o* condenou a morrer na cruz”. “Pilatos governava (...) deixou crucificá-*lo*; o povo ignorante não *o* quis e *o* rejeitou; quando ele nasceu o tirano regente queria matá-*lo*; “Matias teria sido o escolhido para substituí-*lo* (Judas)”... “Jesus levantou e *os* chamou de homens de pequena fé; Jesus *o* chamou dizendo: Lázaro, sai para fora; Jesus também sabia que Pedro iria negá-*lo* três vezes. Pedro *o* negou; mas antes eles *o* maltrataram com chicotadas; um dos dois que estavam com ele *o* aceitou como o senhor e único salvador “... “Um dos seus discípulos *o* traiu por apenas 30 moedas de prata”... “Uma multidão de pessoas *o* seguia”...

c) O pronome reto como acusativo na escrita dos rapazes do Ensino Médio

Entre os doze rapazes do EM, houve apenas duas ocorrências da realização do objeto direto na forma de sintagma nominal. Ex.: “Os fariseus e os escribas procuravam levar *Jesus* à ruína e pretendiam matar *Jesus*”... “Pilatos mandou prender *Jesus* e perguntou para o povo se eles escolhiam soltar *Jesus* ou Barrabás”...

Um grupo de dez alunos apresentou a realização do clítico acusativo na escrita. Ex.: “Segui-*me*, e eu farei de vocês pescadores de homens; ele *os* chamou e eles *o* seguiram; e ele *os* curava; grandes multidões *o* acompanhavam; vou curá-*lo*”... “E quando *o* conhecemos”... “Siga-*me*; procurando motivos para prejudicá-*lo*; e condenaram-*o* à morte”... “Mateus *o* apresenta; Marcos *o* mostra”... “Então Jesus escolhe 12 homens para ajudá-*lo*”... “Maria, Deus *a* escolheu para ser a mãe do Senhor; e José precisava hospedá-*la*; Maria *o* envolveu e colocou-*o* numa manjedoura; os magos adoraram-*no* e *o* presentearam com ouro, incenso e mirra; Herodes queria matá-*lo*”. “Siga-*me*; ele ouve falar de Jesus e resolve procurá-*lo*; e *o* levaram para a beira de um precipício; eles queriam jogá-*lo*”... “Jesus foi salvo da tentativa de matá-*lo*; Deus *o* mandou para a terra; a fim de ajudá-*lo* neste trabalho; todas as pessoas *o* ouviam”... “Acreditassem Nele e *o* seguissem; traçaram planos para matá-*lo*; ensinando-*os* e equipando-*os*”... “Uma coroa de espinhos para matá-*lo*”...

d) O pronome reto como acusativo na escrita das moças do Ensino Médio

Entre as doze moças do EM, houve apenas uma ocorrência da realização do pronome reto como acusativo. Ex.: “Deixaram *ele* lá morto”.

Um grupo de onze moças apresentou a realização do clítico acusativo na escrita. Ex.: “Pregaram-*no* numa estaca; *o* mataram”... “Foi então que Jesus morreu para *nos* salvar; pregaram-*o* numa estaca de madeira”... “Eles *o* seguiam em todo lugar; os povos estavam com raiva e *o* levaram à beira de um precipício”... “Achou que ela tinha *o* traído; e então ele *a* abandonou; e *o* puniram; e depois *o* prenderam na cruz e torturaram-*no* até a morte; Deus *o* ressuscitou e ele virou um anjo no céu”... “Jesus tomou consigo Pedro, Thiago e João e *os* levou até o monte para orar; este é meu filho amado a quem *o* abençoo; enquanto eles *o* esperavam”... “Jesus nunca deixou seus irmãos desamparados, sempre *os* ajudava”... “Quem *o* seguissem; traçaram planos para



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetoológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU
ISSN: 2178-1486 • Volume 10 • Número 30 • Abr 2020

matá-lo”... “Faz o sol iluminar a terra e deixá-la aquecida”... “Levar sua madeira nas costas e depois pregá-lo e dar uma surra nele até sua morte”... “Teve um povo do mal que descobriram que ali perto havia nascido um anjo e mandou procurá-lo, mas José conseguiu libertá-lo”... “Todos os que o ouviam te seguiam (sic); Lázaro ficou quatro dias enterrado e Jesus o ressuscitou”...

Recebido Para Publicação em 16 de abril de 2020.
Aprovado Para Publicação em 30 de maio de 2020.